

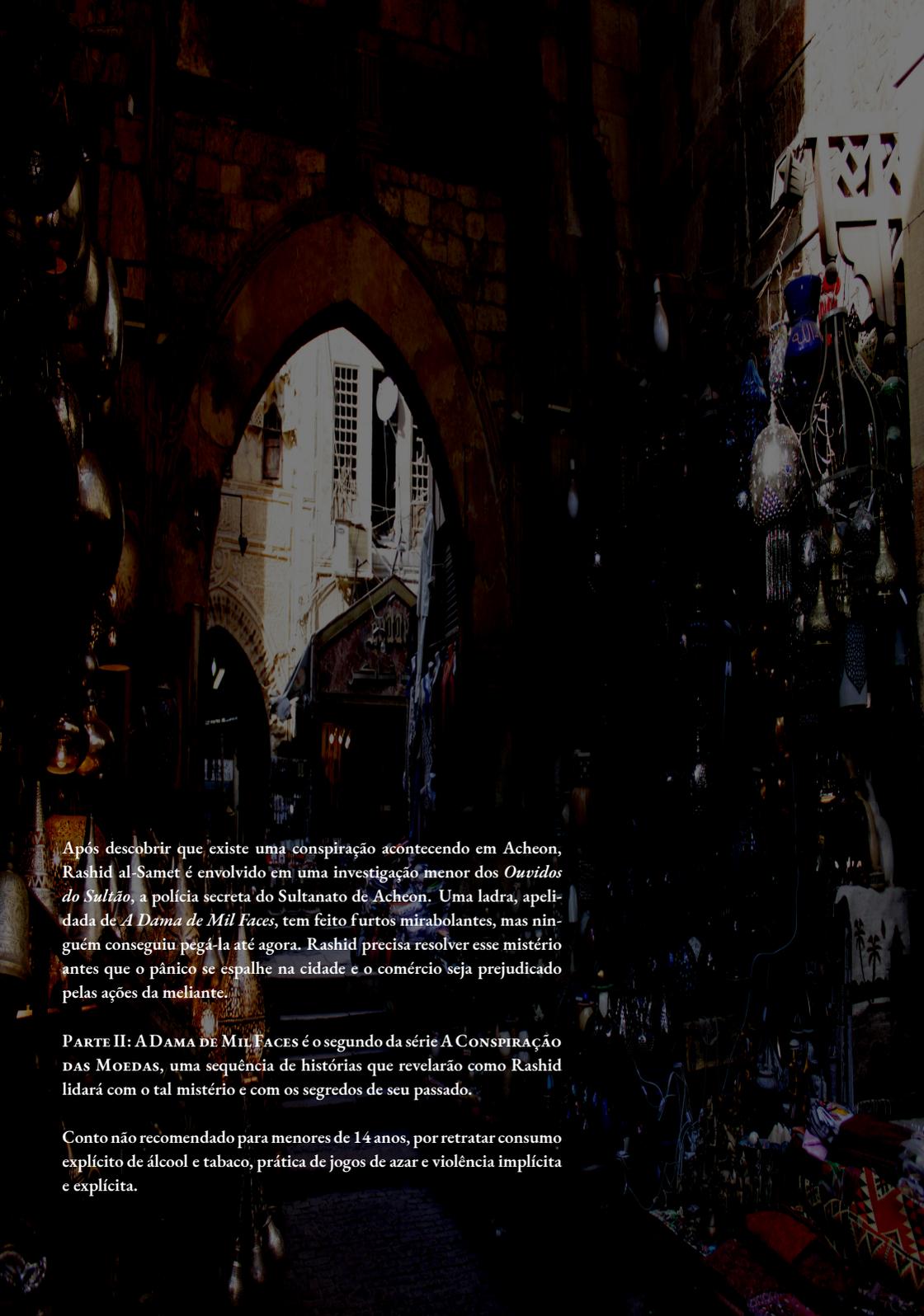


A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE II: A DAMA DE MIL FACES

LU CAVALHEIRO

2022



Após descobrir que existe uma conspiração acontecendo em Acheon, Rashid al-Samét é envolvido em uma investigação menor dos *Ouvidos do Sultão*, a polícia secreta do Sultanato de Acheon. Uma ladra, apelidada de *A Dama de Mil Faces*, tem feito furtos mirabolantes, mas ninguém conseguiu pegá-la até agora. Rashid precisa resolver esse mistério antes que o pânico se espalhe na cidade e o comércio seja prejudicado pelas ações da meliante.

PARTE II: A DAMA DE MIL FACES é o segundo da série **A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS**, uma sequência de histórias que revelarão como Rashid lidará com o tal mistério e com os segredos de seu passado.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar e violência implícita e explícita.

A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE II: A DAMA DE MIL FACES

Uma história curta de investigação em um mundo de fantasia árabe

Lu Cavaleiro

2022

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Série: A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

Título: PARTE II: A DAMA DE MIL FACES

Ano de publicação: 2022

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalheiro

Artes:

- **Capa:** Edwin Longsdon Long, RA, *Egyptian Beauty*, domínio público (https://commons.wikimedia.org/wiki/File:EGYPTIAN_BEAUTY_.jpg)
- **Quarta capa:** Domínio público (<https://pxhere.com/en/photo/1201293>)

Licença: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

Ano de publicação: 2022

Esta é a versão original do conto *A Dama de Mil Faces* publicado na coletânea *Fogo de Prometeu: Contos Fantásticos*, organizada por Paola Giometti. Devido às regras da coletânea, eu tive que reduzir a versão original a meros oito mil caracteres. Esta é a primeira vez que a versão original será publicada.

Este conto é uma obra de ficção baseada em uma versão fantasiosa da cultura do mundo árabe anterior ao Islã. Em momento nenhum esta obra pretende ser desrespeitosa com nenhum elemento cultural ou histórico de uma civilização fascinantemente rica quanto esta. Quaisquer coincidências com a realidade serão meras coincidências. Sociologicamente sombrias e preocupantes, mas meras coincidências.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar e violência implícita e explícita.

A DAMA DE MIL FACES

A noite subia perfumada na Alameda dos Jasmins, a travessa estreita e tortuosa na qual se localizavam tanto o *Rota da Seda Importações e Exportações*, a pequena importadora dirigida e administrada por Rashid al-Samet, mais conhecido como *O Mercador*, quanto o *Mundos Distantes*, a sede de operações e uma das *casas de prazeres* mantida pela Cortesã Delia Surridge. Estava particularmente quente, um quadro delicadamente emoldurado pelo céu límpido e estrelado de um verão prolongado e seco, e pessoas iam e vinham pela rua. Algumas delas caminhavam em direção à *Praça do Mercado*, para o qual a Alameda dos Jasmins era um dos acessos, mas outras detinham-se pelo caminho e passavam pelas portas de madeira laqueada do *Mundos Distantes*.

Rashid observava esse movimento descansando preguiçosamente em uma das poltronas de vime na varanda de seu escritório, voltada para a entrada do *Mundos Distantes*. Ao seu lado, havia um narguilé de vidro e latão decorados com arabescos e uma mesinha na qual uma garrafa de vidro azulado meio cheia e um copo meio vazio de licor de menta esperavam pela atenção do *Mercador*. Ele contemplava as estrelas, um exercício que apreciava desde a infância e a razão pela qual tomara os cursos de Astronomia na *Sala Silenciosa*, o quartel-general e centro de treinamento dos *Ouvidos do Sultão*, a polícia secreta de Acheon, e por vezes observava o movimento das pessoas na rua. Sabia que muitos iam aproveitar o verão quente e iluminado no Mercado, ainda mais depois de Sua Majestade o Sultão Hakim ibn Rahimat al-Suleiman ter autorizado uma série de eventos para estimular o consumo e manter a economia aquecida. Outros, tanto mulheres quanto homens,

detinham-se nas portas do *Mundos Distantes*, e Rashid sentiu pena das dançarinas, atarefadas como estariam para atender a todos os clientes.

Ele levou o braço para a mesinha a fim de servir-se de mais um gole do licor. Ao tocar o copo ele sentiu o aço frio e amolado tocando seu pescoço, e imediatamente o suor mais frio começou a correr-lhe pelas costas. Uma voz abafada ordenou que ele se levantasse e entrasse no escritório, e Rashid não ousou desobedecer. Todas as velas e lâmpadas do cômodo estavam desligadas, pois ele aprendera a apreciar a escuridão com sua sócia, a Qarim chamada Baatik, e por isso ele não pôde reconhecer a identidade do invasor. Sabia apenas que ele usava uma cimitarra, uma lâmina comprida e curva, devido ao brilho da lua cheia refletido pelo aço, e que pela empunhadura e ângulo da espada o agressor devia ser quase da sua altura ou um pouco mais alto.

A figura misteriosa recuou em direção a um tipo de botão na parede mantendo sempre a cimitarra apontada para Rashid. Este se mantinha silencioso mas olhando para os lados em busca de uma abertura para fugir ou atacar. O agressor se deteve próximo ao botão, e então soltou uma gargalhada feminina antes de acionar o candelabro de fogos-fátuos. O *Mercador* foi tomado por um misto de raiva e alívio ao ver diante de si Fátima abu Fasa al-Samet, uma de suas primas mais novas e pupila na entre os *Ouvidos do Sultão*. Rashid era um analista dos *Ouvidos*, a polícia secreta e serviço de inteligência do *Sultanato de Acheon*. Ele simplesmente odiava esse hábito de se infiltrar em sua casa e assustar-lhe daquele jeito sempre que sua prima tinha, mas não conseguia irritar-se com ela. Não com uma jovem tão doce, tão espirituosa, tão interessante.

“Primo Rashid, que o *Bem Amado* o tenha sempre em boa graça”, ela disse com uma mesura exagerada, uma pequena brincadeira que ela sempre fazia. Em seus dezenove anos ela já entendia muitas coisas do mundo em que vivia, e uma dessas coisas era que seu primo Rashid não era exatamente um fã da etiqueta de corte, apesar de conhecê-la muito bem. O *Mercador* observou a prima, como sempre fazia. Ela era quatro polegadas mais baixa que ele, mas usava botas de couro dobradas no joelho com um salto comprido o suficiente para compensar a diferença.

Ela usava roupas masculinas quando estava a serviço: calças de linho marrom, uma túnica branca e um colete marrom do mesmo material, e em sua cintura ela tinha a bainha delicadamente decorada da cimitarra. Sua pele era dourada, um traço comum aos al-Samet, mas gentilmente tocada pelo sol de modo a ter a delicada cor do bronze fino. Seus cabelos eram castanhos e cacheados, e eram compridos o suficiente para tocar os quadris de Fátima quando soltos. Seus olhos eram negros como a noite e tão profundos quanto, razão pela qual Rashid constantemente se perdia no que a prima lhe dizia.

Como acontecia naquele momento.

Ela riu gostosamente. Mais uma vez seu primo não resistia aos encantos de sua aparência, e ela tinha especial deleite em ver como ele era o único homem a quem isso acontecia sempre. Assim ela sentia possuir um poder único, especial, infalível, sobre um homem que muitos temiam e consideravam poderoso demais ao seu próprio modo. Ela se aproximou de Rashid e o beijou na face enquanto pressionava uma adaga tirada de sua bota esquerda nas costelas dele. “Se você continuar assim tão distraído perderei meu primo favorito muito cedo”, ela riu enquanto guardava a lâmina. Rashid despertou do estupor que a visão de Fátima lhe causava, e silenciosamente concordou com a prima. Ele sinalizou para que ela o acompanhasse, e a fez sentar em uma das poltronas de vime. Ao ver a garrafa de licor de menta ela silenciosamente pediu um copo, e Rashid a serviu.

O *Mercador* tomou um gole de seu próprio copo antes de se virar para Fátima e perguntar, “Você invadiu minha casa, como sempre, e usa roupas práticas. Suponho que você esteja a serviço aqui, estou certo?” Fátima sorriu de um jeito inocente, o que de algum modo acentuava a atração que exercia sobre Rashid, e assentiu com a cabeça. “Sim, estou, meu primo querido. Preciso de sua opinião sobre algumas coisas”. Rashid olhou para as estrelas e deu de ombros, convencido contra a própria vontade de que não descansaria naquela noite. Ele suspirou, tomou mais um gole do licor e sorriu de volta para Fátima, “Como eu posso ajudar o Rouxinol de Acheon?” Fátima não enrubescou, mas sentia-se muito feliz sempre que seu primo a chamava assim. Ela se ajeitou na poltrona de vime, colocando um

dos pés sobre o assento e apoiando o queixo no joelho antes de expor suas necessidades. “Há um caso muito estranho acontecendo no Mercado, primo querido. Como você deve saber, Sua Majestade o Sultão autorizou a realização de diversos eventos para atrair as pessoas para a *Praça do Mercado* e aquecer a economia, aproveitando esse verão de noites quentes e iluminadas”. Rashid acenou com a cabeça para mostrar que já sabia disso, e então Fátima prosseguiu. “Pois bem, meu primo. Existe uma ladra muito talentosa roubando os pertences pessoais dos transeuntes no Mercado. Nenhuma das vítimas concorda sobre a aparência dela, e por isso nós entre os *Ouvidos* empenhados no caso já a chamamos de ‘A Dama de Mil Faces’. Eu pensei que você, que possui vários amigos no Mercado, já deva saber de algo a respeito sobre isso”. Rashid sorriu meio sem jeito, e disse em tom de desculpas, “Não desço para o Mercado desde um dia antes de Sua Majestade ter sancionado os eventos”.

Fátima levantou-se e sentou-se no chão de frente para Rashid. A mente do *Mercador* já imaginava muitas coisas, todas mais interessantes do que trabalho, que eles poderiam estar fazendo naquela posição, mas ele fez o mais monumental dos esforços para se controlar. “Primo querido, você poderia ver o que descobre sobre isso para mim? Sei que você não se interessa mais por promoções entre os *Ouvidos*, mas eu sonho com a minha”. E então ela olhou diretamente para o *Mercador*, olhos manhosos de criança pedindo um doce, “Por favor, primo querido!” Rashid passou a mão nos cabelos dela, bagunçando os cachos num gesto carinhoso antes de responder, “O que eu não faria por você, Fátima? Mas só descerei para o Mercado amanhã, certo?” Ela se levantou saltitante e beijou as duas faces do primo. “Muito obrigada, primo querido! Que o *Bem Amado* continue a te abençoar sempre!” E sem mais nem menos saiu pelo escritório. Rashid acompanhou o movimento de sua prima, hipnotizado pelo balançar de seus quadris jovens e perigosos.

Quando Rashid finalmente conseguiu expulsar Fátima de seus pensamentos libidinosos, ele analisou cuidadosamente a situação. “Sim”, sussurrou para si mesmo, “porque uma coisa é não resistir aos encantos de uma garota tão adorá-

vel e que daria uma boa esposa para qualquer homem que o *Bem Amado* agracie com o coração dela. Outra coisa”, ele pausou para tomar um gole do licor, “é contar tudo o que sei de mão beijada para ela”. Ponderando consigo mesmo em silêncio, ele estranhou que somente agora a houvesse alguém entre os *Ouvidos* que houvesse notado a existência da *Dama de Mil Faces*, e estranhou mais ainda que Fátima, mais conhecida como assassina fria e silenciosa do que uma especialista em coleta de informações, fosse posta no caso. Ele suspirou, tentando afastar todas essas considerações de sua mente. Finalmente alguém considerou a questão como sendo séria, e sobrou para Rashid mais uma vez fazer o trabalho sujo. Ele deu de ombros enquanto tomava mais um gole reconfortante do licor. Seja lá quem fosse essa ladra, esse assunto esperaria até o dia seguinte.

* * *

A manhã mal despontara quando Rashid pulou de sua cama assustado. Há algumas noites vinha tendo pesadelos por causa da grossa moeda de ouro mantida sempre em seu bolso. Ele a ganhou em uma mesa de carteadado, quando um homem que se dizia chamar Paulus Silvinus apostou depois de muito deliberar consigo mesmo. Paulus era um agente à serviço de dois nobres de Bessain e tinha a missão de entregar uma mensagem a uma certa Sahar Madira, mas perdeu a moeda, provavelmente a confirmação de sua identidade, e a vida antes de concluir sua missão. Isso foi há sete dias. Rashid jamais soube qual era o conteúdo da mensagem, e isso, associado à identidade de um dos nobres – seu próprio pai, o Conde Abdallah al-Fashid de Bessain, um dos homens em todo o *Sultanato* que o juraram de morte –, aguçavam sua paranoia ao extremo. Até sua sócia, a Qarim Baatik, uma das supremacistas de seu povo, notou o estado irritadiço do *Mercador*, e, embora não desse a mínima se um ser humano fosse viver ou morrer, ela se preocupava com ele. Mais de uma vez na última semana ela recomendou que o *Mercador* tirasse férias, mas ele sempre balançava a cabeça e mudava de assunto.

Esta noite não foi diferente. Era um pesadelo recorrente, e ter o mesmo sonho ruim por sete dias ajudava a fixá-lo na mente. Sonhava ser casado com a tal

Sahar Madira, uma mulher mais jovem e mais baixa do que ele, pele clara, cabelos curtos negros e lustrosos como o piche e olhos tão azuis e tão profundos como o mar. Ela usava um vestido de baile vermelho, com todas as rendas, babados e bordados compondo um estilo Nortista exagerado, e em sua cabeça havia uma tiara de cristal estranhamente cortado. Ele sentia os olhos penetrantes de Sahar perfurando os seus e entrando em sua mente, e um estranho e intenso, quase intolerável, perfume de rosas entranhava-se em suas narinas. Rashid beijava sua esposa, e então os dois eram engolidos pelas chamas inquisitoriais. Essa parte do pesadelo era especialmente vívida, pois era possível sentir cada parte do corpo sendo devorada lenta e dolorosamente pelas chamas e a anestesia libertadora da inconsciência parecia esquivar-se deles. Sahar morria rindo, plena de orgulho e poder.

Rashid balançou a cabeça para espantar as imagens, e então recorreu à garrafa de vinho que guardava no criado mudo para acalmar os nervos. Ele se levantou, caminhou trôpego até o banheiro, e tomou um banho demorado. Não costumava fazer isso, mas a imagem de morrer pelas mãos da Inquisição lhe era perturbadora demais e a água quente o relaxava. Enxugou-se e vestiu-se com apuro ao terminar. Não era afeito a perfumes, mas hoje permitiu-se umas gotas de uma fragrância amadeirada, similar à canela mas não reconhecida pelo mercador, que ganhara de Minu Istari, a *Estrela de Isfaban* e detentora do monopólio de transporte de alimentos derivados da pesa entre o *Sultanato* e os países vizinhos.

Sentindo-se confortável com a própria aparência, as vestes elegantes de um mercador austero mas bem-sucedido da *Praça do Mercado*, Rashid procurou por algo na gaveta da penteadeira de mogno do banheiro. Ele sorriu ao encontrar uma adaga de cabo de osso e bainha sem adornos ou entalhes, e verificou a lâmina para ter certeza de que ainda estava amolada. Satisfeito com o que viu, sorriu para si mesmo e para a inscrição gravada na adaga, “Só o *Bem Amado* é grande”. Pôs a adaga de volta na bainha e a escondeu nas dobras de suas vestes. Pegou alguns outros itens menores e ganhou as ruas após dizer a seus funcionários que ele estaria fora provavelmente o dia inteiro.

* * *

A *Praça do Mercado* sempre estava apinhada de gente, mesmo nas primeiras horas do dia. Incontáveis vendedores anunciavam seus produtos em uma cacofonia desnorteante de vozes, suas tendas variando de simples cavaletes cobertos com lonas esfarrapadas a salas alugadas em prédios baixos porém jeitosos de arenito com paredes decoradas com arabescos e ladrilhos coloridos. Rashid se deteve em uma banca de frutas mantida por uma garota morena de uns quinze ou dezesseis anos, descalça, vestida com calças largas, uma blusinha de cetim que deixava o abdômen, os ombros e os braços descobertos. Era uma garota bonita, ponderou Rashid, e provavelmente destinada a uma vida medíocre de vendedora de frutas para sempre com os pés presos em um único ofício.

“Um desperdício”, sussurrou o mercador enquanto analisava os pêssegos e as tâmaras. A garotinha sentiu-se ofendida, pois imaginou que Rashid falasse de suas frutas, e puxou o tabuleiro para longe do mercador resmungando, “Se não gostou de minhas frutas, não as ofenda, senhor”. Rashid sorriu e delicadamente levantou o rosto da garota para melhor olhar para ela antes de se desculpar, “Não me referia às suas frutas, minha jovem. São belos pêssegos e tâmaras, e não pude ver nenhuma fruta ruim aqui. Eu me referia à você, uma garota bonita e trabalhadora aparentemente condenada a viver para sempre com os pés presos a esta vida dura e sofrida de feirante”. Ele pôs a mão sobre o ombro esquerdo dela e olhou para o céu ainda morno da terceira hora do dia. Com a outra mão apontou para as nuvens preguiçosas e para além delas. “Você um dia já sonhou em ver tudo que há para ser visto fora de Acheon, todos os mistérios, fantasias e maravilhas que se escondem para além dos muros da cidade, enfeitando os jardins do *Bem Amado?*”, ele perguntou. A garota tirou a mão do *Mercador* de seu ombro e deu um passo para trás, a tristeza transparecendo em sua voz, “Não tenho recursos para me juntar a uma das Guildas, senhor, e que outro caminho há para uma órfã senão esse para sair da vida de pobreza e trabalho árduo?”

Rashid sentiu-se condoído, a visão da boa vida que teve até aquele dia obliterando seu orgulho e frieza. Ele apontou algumas tâmaras e dois pêssegos, que a garota pegou e colocou em um saco de papel. O *Mercador* pagou a quantia soli-

citada e olhou mais uma vez para os olhos negros da menina antes de se despedir, “O seu caminho para os jardins do *Bem Amado* passa por impressionar as pessoas certas, minha jovem. Mantenha os olhos abertos sempre, e quem sabe você um dia possa estudar em alguma das *Academias*”. A menina sorriu em agradecimento, e Rashid se afastou de sua banca.

Enquanto comia as tâmaras e os pêssegos, Rashid afastava a menina de sua mente ao mesmo tempo que mantinha seus olhos abertos para encontrar Khayyan, um ladrãozinho de meia-tigela que o *Mercador* usava como informante. Khayyan não devia ter mais do que quatorze anos, mas, ao contrário da menina vendedora de frutas, não sonhava com outras coisas da vida a não ser um roubo fácil, lucro imediato, e então aproveitar as moedas conquistadas sem esforço até que elas acabassem e um novo roubo se fizesse necessário. Após procurar em algumas vielas, Rashid viu o que queria, um garoto magro e baixote de pele dourada pálida e coberta com a poeira das ruas vestindo uma túnica e calças de lã grosseira. Havia uma faca escondida em sua cintura, Rashid sabia embora não a pudesse ver. Khayyan estava parado em uma esquina jogando dados com outras pessoas, todos apostando dinheiro. O *Mercador* esperou a jogatina acabar sem se intrometer ou querer participar. Ele sabia que Khayyan só usava dados viciados.

Rashid esperou os jogadores perderem o que tinham nos bolsos e se afastarem da esquina e de Khayyan antes de se aproximar. O garoto fez menção de correr, mas o *Mercador* pôs uma mão firme em seu ombro e girou um *falcão* entre os dedos próxima ao rosto de Khayyan. “Ah, Sallah”, sorriu ele em reconhecimento enquanto agarrava a moeda e a escondia em um bolso da túnica, “Que o *Bem Amado* o abençoe para sempre e não permita faltar-lhe nada em sua casa!” Rashid suspirou, feliz por ter sido reconhecido por um dos nomes falsos que ele usava durante suas investigações, enquanto arrastava o garoto para uma viela menos iluminada, como as muitas que haviam na *Praça do Mercado*, com o duplo propósito de conversar com Khayyan sem ser visto e não serem atrapalhados pela algaravia dos vendedores.

O *Mercador* foi direto ao assunto, “Há uma ladra nova no Mercado, uma

tal de *Dama de Mil Faces*. Concorrência para você, e ela está chamando atenção dos *Ouvidos do Sultão*. Imagine vários policiais pelas ruas, atrapalhando o ofício de gente como você”. Khayyan assobiou fingindo estar impressionado, e olhou para os lados antes de responder asperamente, “É, Sallah, eu sei da bastarda. E você quer pegá-la, certo?” Rashid tirou outra moeda do bolso e a colocou no bolso da túnica de Khayyan. O garoto sorriu e resmungou, “Ninguém nunca viu a infeliz, mas diz-se por aí que ela dorme em um cômodo abandonado na *Via dos Tropeiros*, bem longe do *Mercado*. Ela dorme somente à tarde, pois parece que faz alguma coisa durante o dia que ninguém sabe o que é”. Rashid o olhou inquisitivamente, e Khayyan simulou estar ofendido, “Ei, isso é tudo que eu sei, Sallah!” Rashid espantou o garoto com as mãos, que não disfarçou a felicidade de caminhar para longe de um membro à paisana dos *Ouvidos do Sultão*.

Olhando para os lados para ver se não estava sendo seguido, Rashid saiu da viela enquanto ponderava as informações que Khayyan lhe fornecera. Não haveria tempo para chamar reforços, pois Khayyan poderia dar com a língua nos dentes e a *Dama de Mil Faces* poderia simplesmente arranjar outro esconderijo. Teria que ir sozinho até o tal cômodo na *Via dos Tropeiros* se quisesse surpreender a ladra. Sem pensar uma segunda vez, colocou-se a caminho. A *Via dos Tropeiros* era particularmente distante de seu ponto atual, e faltavam poucas horas para o início da tarde.

* * *

A *Via dos Tropeiros* era uma rua semi-abandonada e decadente na periferia de Acheon. Ela era larga e tinha poucas curvas, e todo o seu calçamento dava sinais de ter visto dias melhores no passado. Os paralelepípedos estavam mal assentados e ervas daninhas cresciam entre eles, enquanto os passeios estavam rachados e cobertos pela poeira do descaso e da solidão. Um dia houve intenso comércio na região, principalmente restaurantes e pousadas destinadas a atender os tropeiros que em suas bestas de carga traziam toda a produção do campo para o *Mercado*, mas o advento dos veículos terrestres movidos à magia trouxe a decadência e o abandono

para aquela parte da cidade. Os restaurantes estavam fechados, seus letreiros pendendo perigosamente das paredes, enquanto as pousadas que ainda funcionavam eram frequentadas por prostitutas não afiliadas a cafetão algum, ladrões insignificantes e toda sorte de refugo social produzido pela vida civilizada.

Rashid caminhava em meio à desesperança e indiferença dos moradores do lugar, seus trajes perfumados compondo um claro contraste entre o luxo e o lixo da *Praça do Mercado*. Ele procurava pelo cômodo que Khayyan dissera ser o abrigo da *Dama de Mil Faces*, mas não imaginara que existiriam na *Via dos Tropeiros* tantos cantos abandonados para revistar. Assim, ele andava casualmente entre os locais esperando pelo toque de serendipidade com o qual o *Bem Amado* o abençoava ocasionalmente.

Ele não precisou esperar muito. Enquanto caminhava ele reconheceu a vendedora de frutas com a qual comprara algumas tâmaras e pêssegos mais cedo. Ela parecia muito cansada, uma possível consequência do verão longo, quente e seco, mas algo nela chamou a atenção de Rashid. Ela andava olhando para trás, como se temesse ser perseguida, e corria por algumas jardas ante a qualquer movimento suspeito que presenciasse. Ainda assim, não era cuidadosa o bastante, e mesmo para uma pessoa com pouco talento nas artes de caminhar nas sombras era fácil segui-la sem ser notado. Rashid e a garota caminharam assim por alguns becos transversais à *Via dos Tropeiros*, a decadência e o abandono se desdobrando diante dos olhos do *Mercador* a cada passo dado em cada viela escura e enlameada.

A garota caminhou por aproximadamente meia hora antes de se deter em frente a uma porta pintada da cor da parede. Ela cutucou o ferrolho e ele se abriu. Rashid a observou entrar no aposento enquanto o esquadrinhava mentalmente em busca de entradas alternativas. Ele localizou uma janela sem vidros ou folhas a algumas jardas da porta, e através dela pôde ver a menina despir-se e colocar roupas mais leves e mais apropriadas para o sono. Ela saiu do campo de visão da janela, e mentalmente Rashid contou o tempo que julgara necessário para uma garota cansada cair em sono profundo. Durante o que provavelmente foi a meia hora mais tensa no dia do *Mercador*, ele aguardou silenciosamente no beco, agradecendo a

cada instante ao *Bem Amado* e à *Dama Argêntea* o fato de nenhuma pessoa ter passado por ali.

Por fim, ele se aproximou cauteloso da janela. Notou que a garota fechara as cortinas, a única forma de separar o mundo exterior do interior do cômodo, e apurou os ouvidos para notar se ela de fato dormia. Satisfeito com o que ouvira, Rashid tenta escalar a janela, mas ele interrompeu seus esforços desajeitados antes que eles se tornassem ruidosos o bastante para acordá-la. Ele olhou ao seu redor e encontrou algumas caixas de madeira meio podres. Rezando para que elas aguentassem seu peso, ele arrastou uma delas até a janela e a usou como escada. A caixa emitiu um rangido abafado e úmido e afundou um pouco na lama da rua, mas suportou o peso do *Mercador* por tempo suficiente para que ele conseguisse pular silenciosamente para dentro do cômodo.

Rashid olhou ao seu redor. Ele estava em um aposento escuro, com paredes fuliginosas e pé-direito de apenas nove pés, abafado pelo calor escaldante do verão e ausência de boa circulação de ar. Havia uma estante velha de madeira com duas bonecas de pano e algumas roupas dobradas, e uma esteira velha de palha sobre o qual a garota dormia. Ela usava apenas uma camisola semitransparente e puída em várias partes, e dormia sem travesseiro e abraçada a uma terceira boneca de pano. Havia uma cicatriz de perfuração na parte interna de sua coxa direita e uma de queimadura em sua coxa esquerda. Seu corpo exalava um leve cheiro de suor, testemunho silencioso de uma manhã dedicada a vender frutas no *Mercado*. Dormia como uma criança inocente dormiria, uma criança que pudesse contar com a proteção de um lar e de uma família, uma criança que não precisasse trabalhar arduamente e aturar toda sorte de desaforos e indecências que certamente ela ouvia todos os dias na *Praça do Mercado*.

O *Mercador* engoliu em seco, mas não tinha tempo para se tornar mole com esse sentimentalismo. Desembainhando a faca, aproximou-se cuidadosamente da garota e com um gesto rápido imobilizou ombros dela contra a esteira com um braço enquanto encostava o fio da lâmina no pescoço dela com a outra mão. Ela acordou sobressaltada e fez menção de gritar, mas Rashid a interrompeu, “Se eu

ouvir sua voz eu a mandarei para os braços do *Bem Amado*, entendeu?” A garota fez que sim com a cabeça, tremendo de medo e os olhos arregalados como os de um animal acuado. Ainda assim, ela encontrou alguma coragem para dizer, “Por favor, senhor, não me mate. Use meu corpo se assim quiser, mas não me mate!” Ela chorava silenciosamente. Rashid balançou a cabeça enojado imaginando se isso já teria acontecido àquela garota, mas manteve-se firme enquanto respondia, “Vim fazer algumas perguntas, garota. Se você as responder bem você viverá”. A garota fez que sim com a cabeça, e Rashid saiu de cima dela. “Vou sair de seu quarto para que você vista algo mais apropriado”, ele disse. “Não tente fugir, eu tenho meios para persegui-la e matá-la se eu quiser”, e saiu do aposento no qual a menina dormia.

Enquanto a garota se vestia, Rashid analisou os outros aposentos daquele cômodo. A porta do quarto dava para um local amplo, apesar do teto baixo e das paredes enegrecidas pela fuligem. Havia algumas estantes de metal com vários itens de grande valor, possivelmente roubados, e o tabuleiro de frutas, agora vazio, atirado casualmente em um canto. A porta pela qual a garota entrara no cômodo dava para esse aposento, e não havia mais portas ou caminhos para outros lugares. Ele se aproximou das estantes, e viu que os itens ali certamente eram roubados. Ele pegou um bracelete de prata com jades e rubis engastados, uma obra de arte digna dos melhores joalheiros do *Sultanato*, e manipulou a joia em suas mãos como se procurasse algo nela. Devolvendo o bracelete para seu lugar, ele circulou pela coleção de joias da menina, um conjunto cuja opulência se tornava mais destacada por conta da pobreza e decadência do cômodo em que estava. Ele viu um par de brincos de rubis e prata lindos, o metal cuidadosamente moldado para parecer asas de libélulas, e os guardou no bolso. Ele pegou outros brincos, dois discos de lápis-lazúli engastados em um disco de ouro branco e prata, e os analisou cuidadosamente.

Sua atenção foi repentinamente atraída pela figura da garota. Ela vestira as mesmas roupas suadas e empoeiradas que usara mais cedo no mercado, e sua expressão era a de medo e terror. Rashid se aproximou dela e sem dizer nada colocou os brincos azuis em suas orelhas. Ele se afastou e esfregou as mãos sorrindo, “Com-

binam com seus olhos”. A menina concordou silenciosamente com a cabeça antes de dizer abruptamente, a voz ainda assustada, “Lembro do senhor. O senhor foi o homem que conversou comigo no Mercado sobre eu estar presa a esta cidade”. Foi a vez de Rashid concordar com a cabeça. “Você lembra o que eu disse sobre impressionar as pessoas certas?” A menina fez que sim com a cabeça, e Rashid continuou, “Bem, você impressionou as pessoas erradas, e por isso me mandaram aqui”. Ela caiu de joelhos e começou a chorar descontroladamente. Rashid, em um gesto puramente instintivo, se aproximou e a abraçou, uma vã tentativa de confortar uma ladra que tinha a certeza de ter sido pega pelos *Ouvidos do Sultão* ou coisa pior. “Acalme-se, menina”, sussurrou Rashid, “eu não sou um seguidor cego das regras”. O *Mercador* esperou a menina parar de chorar, e então continuou, “Vamos fazer o seguinte: você me conta sua história, e eu vejo que o pode ser feito por você. Combinado?”

A garota, ainda secando as lágrimas com as costas das mãos empoeiradas, se sentou no chão, cruzando as pernas e assumindo uma postura confortável para algo que o *Mercador* esperava não ser uma história muito longa. “Meu nome é Leila, senhor, e nunca soube o nome ou o rosto de meus pais. Cresci nas ruas desde que me lembro, e sei que foi apenas pela graça do *Bem Amado* que sobrevivi até hoje. Comecei a trabalhar cedo, ajudando os vendedores no *Mercado* em troca de pouco mais do que comida ou roupas. Dormia nas ruas, vivia da sorte e da graça d’*Ele*. Quando meu corpo deixou de ser o de uma menina e se tornou o de uma mulher passei a ter medo, pois eram muitas as histórias de abusos que as outras mulheres que dormiam na rua me contavam. Então aconteceu comigo...”, a voz dela morreu enquanto ela chorava silenciosamente. Rashid estendeu um lenço para ela e a abraçou, e ela se agarrou ao *Mercador* como se ele fosse o único ponto seguro de toda a sua vida.

Leila precisou de muito tempo antes de conseguir retornar ao seu relato. “Aconteceu mais de uma vez. Mais vezes do que consigo contar, senhor. Por fim aprendi a me oferecer antes de ser forçada. Dói menos”. Ela baixou os olhos antes de continuar, visivelmente envergonhada. “Em um desses assaltos que sofri senti

uma luz brilhante explodir dentro de mim, e no mesmo instante comecei a ouvir vozes em minha mente. O homem que se aproveitava de mim sentiu algo estranho e me bateu muito. Ele usou um *qaws*¹ para dar um tiro em minha perna e ateou fogo em mim antes de fugir, mas por sorte eu me queimeei pouco com isso. Mas havia as vozes em minha cabeça, e eu não sabia o que elas eram. Demorei para entender que eu era capaz de ler a mente das pessoas”.

Rashid a olhou ligeiramente espantado, “Então você decidiu usar suas habilidades para roubar as pessoas?” “Não!”, ela gritou. “Eu queria sair daqui, sair da minha vida. Eu me sinto presa nesta casa, nesta viela abandonada pelo *Bem Amado*, e eu quero me juntar a uma das Ligas ou Academias, talvez a de Magia. Os membros das Ligas e Academias são pessoas tolerantes, e eu não sofreria abusos novamente. Se eu roubei pessoas, foi para juntar o dinheiro necessário para comprar minha filiação a alguma delas”. O *Mercador* esfregou o rosto e a olhou, imaginando em que situação complicada se metera daquela vez. Ele disse, “Vi o fruto de seus roubos. Você poderia pagar quatro anos de educação na *Grande Academia de Magia de Acheon* com essas joias que tem aqui”. Ela olhou para Rashid e respondeu, “Eu sei, senhor, mas não tenho para quem as vender sem me expor”. O *Mercador* precisava de mais uma resposta, “E como as suas vítimas não a reconheciam, Leila?” “Descobri que minhas habilidades permitem alterar algumas memórias das pessoas. Eu fazia isso, e por isso ninguém nunca pôde me descrever”.

Rashid se deu por satisfeito, e então sorriu para a menina. “Agora você impressionou a pessoa certa”, ele disse. “Você vai para a *Grande Academia*”. Leila não acreditou a princípio, mas Rashid continuou, “Conheço um bom receptor para seus bens, e com esse dinheiro você pagará seus estudos. Lá, você procurará um homem chamado Ibrahim al-Derwahl, um dos pesquisadores da *Academia*. Se ele não estiver por lá, procure seus discípulos. Diga que foi Rashid al-Samet que a enviou e a recomendou para treinamento entre os *Alsabara*² e posterior lotação nos *Ouvidos* sob minha tutela pessoal”. Leila começou a chorar de felicidade

¹Espécie de pistola mágica que dispara feixes de magia pura. Pronuncia-se *caul-som*.

²Os magos à serviço dos *Ouvidos do Sultão*. Pronuncia-se *al-sa-ba-ra*. Singular *Sabira*, pronúncia *sa-bi-ra*.

enquanto beijava as mãos de Rashid em agradecimento.

* * *

Não foi difícil fazer Tariq Shaleesa, o vendedor de bijuterias e joias falsificadas, receptor as peças que Leila roubou. Com o dinheiro apurado com as vendas, Rashid a mandou para a *Grande Academia de Magia em Acheon*, tomando o cuidado de já fazer as indicações apropriadas para que, um dia, ela se tornasse uma *sabira* dos *Ouvidos do Sultão*. Ele guardou para si os brincos de rubi e prata, condição *sine qua non* para ajudá-la, e a desejou boa sorte.

* * *

A noite daquele dia já avançava alta. Rashid descansava em uma de suas poltronas de vime na varanda de seu escritório, o narguilé e a garrafa de licor de menta igualmente ao alcance de suas mãos. O céu estava nublado e um agradável cheiro de chuva já se levantava, mas mesmo assim as pessoas estavam em seu ir e vir para o *Mercado* pela Alameda dos Jasmins. Ele não se espantou quando sentiu o aço frio e afiado em seu pescoço. Na verdade, já o aguardava. O *Mercador* apontou para uma das poltronas, e Fátima ocupou o lugar designado pelo primo. Ela usava a mesma roupa do dia anterior, mas sua face traía sua irritação. “Você deixou a ladra fugir, meu primo querido!”, ela rugiu tão logo se deixou cair na cadeira.

Rashid cavucava os bolsos, e nada respondeu. Ele tirou uma caixinha pequena coberta por veludo vermelho e a deu para Fátima. Atônita, ela pegou a caixa e a abriu, encontrando os brincos de rubi e prata imitando asas de libélula. Fátima fechou a caixa e a jogou no peito de Rashid gritando, “Você pensa que eu sou uma vadia para me comprar com um presentinho qualquer enquanto a minha carreira perdeu uma oportunidade e tanto?” Rashid pegou a caixa e a abriu para verificar a integridade dos brincos. Satisfeito com o que viu, ele a fechou e sorriu para a prima, “Não penso nada disso. Para ser honesto, eu esperava que você me matasse. Se lhe dou os brincos, é por outra razão”. Fátima se levantou e ficou em pé de frente para seu primo, de modo que Rashid não pudesse sair da poltrona sem ter que passar

por ela. “E qual foi, meu primo?” , ela cuspiu as palavras. Rashid pôs o sorriso mais cínico do *Sultanato* em sua face para responder, “Eles combinam com seus olhos, prima querida”. Fátima deu-lhe um tapa na cara com todas as suas forças, e pegou a caixa de veludo vermelho em um gesto violento e irado antes de voltar para sua poltrona. O mercador agora tinha certeza que foi assim que Tariq Shaleesa perdera seus dentes.

Fátima admirava os brincos, mas chorava de nervoso. “Por que você fez isso comigo, primo?” Rashid desviou os olhos para a porta do *Mundos Distantes* antes de responder. “Nós dois crescemos em um palácio e tivemos todas as oportunidades que o sangue nobre poderia nos dar. Leila, a *Dama de Mil Faces*, sua ladra, não teve a mesma sorte. Ela fez o que você ou eu faríamos se estivéssemos no lugar dela”. “Isso não a inocenta, primo querido”, ela disse, ao que Rashid respondeu, “Talvez não a inocente para quem lhe deu essa missão dentro dos *Ouvidos*, mas a inocente para mim. E era eu quem estava em campo nessa missão”. Como Fátima se mantivesse em silêncio, Rashid continuou, “Ademais, providenciei uma punição bem criativa para ela. Ela usará todo o dinheiro conseguido com os roubos para bancar sua educação na *Grande Academia de Magia*, e então será lotada direto nos *Ouvidos* e será treinada diretamente por mim”. Fátima exclamou surpresa, “Nos *Ouvidos*?”, e Rashid concordou com a cabeça.

Ela se levantou e andou sensualmente na direção do primo, mas havia pilhéria nessa sensualidade, e quando ela se aproximou de Rashid ela pôs as mãos nos braços da poltrona e disse, “A crueldade de meu primo é algo tão...” Ela deixou a voz morrer nos lábios, uma tentativa folhetinesca de excitar o mercador. Rashid a afastou delicadamente com as mãos antes de dizer, “Não me venha com essa, você não vai querer me dar o que eu vou querer se continuarmos nesse joguinho”. E quando Fátima se afastou, satisfeita por ter provocado seu primo mais uma vez, Rashid continuou, “Se há um lugar no qual Leila poderá aproveitar melhor suas inclinações pessoais, será como uma *sabira*. Ademais, seremos os primeiros a saber se ela saiu da linha ou não. Teremos uma excelente *sabira*, ou a pegaremos em primeira mão. Um ótimo negócio, ao meu ver”.

Sem nenhum aviso, Fátima pôs as mãos na cintura. “Então, é assim que termina a coisa?”, ela disse em tom autoritário. “É sim, prima querida. Às vezes fazer o certo é mais importante do que cumprir a missão ou ceder aos nossos desejos”. Ele esticou a mão para pegar o copo com licor antes de continuar, “Então, se você não for me dar o que suas provocações me fizeram querer, não precisamos continuar com a farsa desta noite”. Fátima se mostrou ofendida, “Eu sou apenas isso para você, Rashid? Um pedaço de carne como aquelas dançarinas?”, ela disse apontando para o *Mundos Distantes*. O *Mercador* se levantou e apoiou seu corpo na murada da varanda antes de responder. “Só há uma mulher que eu amo, e duas outras com as quais eu me casaria. Infelizmente, a mulher que eu amo não vai querer se casar comigo, então há as outras duas”. Ele apoiou o copo de licor na murada antes de continuar, “E você é uma das duas mulheres com as quais eu me casaria”. Fátima corou, terminou seu copo de licor em um só gole e saiu sem dizer palavra, encabulada com a declaração de seu primo e ainda irritada com ele por ter perdido a oportunidade de uma promoção entre os *Ouvidos*.

Rashid a observou sair, e a acompanhou com os olhos enquanto ela descia a Alameda dos Jasmins em direção à *Praça do Mercado*. Satisfeito consigo mesmo após resolver a situação complicada na qual Fátima o colocara e ainda por cima recrutar uma *sabira* para os *Ouvidos*, ele decidiu que era hora de visitar a outra mulher com quem se casaria. Ele saiu de seu escritório, desceu as escadas até o salão principal do *Rota da Seda* e saiu do prédio. O *Mercador* atravessou a rua, e pediu para a dançarina na porta do *Mundos Distantes* anunciar a Delia Surrige, a Cortesã responsável pelo estabelecimento, que Rashid al-Samet desejava vê-la em particular.

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
 - **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
 - **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
 - **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
 - **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
 - **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
 - **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>
-

O conto **Parte II: A Dama de Mil Faces: Uma história curta de investigação em um mundo de fantasia árabe** foi escrito usando o editor de textos *VIM - Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *Liberation Mono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil